

(DES)INFORMAÇÃO E TRABALHO JORNALÍSTICO: DESAFIOS DE JORNALISTAS NO PERÍODO PÓS PANDEMIA NA REGIÃO SUL DO TOCANTINS

Nathalia Costa Soares¹
Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira²
Ana Carolina Costa dos Anjos³

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo discutir as mudanças que a pandemia da Covid-19 trouxe para as rotinas de profissionais que estão na linha de frente das informações, o(a) jornalista. Embora seja um assunto relativamente novo, vale destacar que jornalistas trabalham desde sempre com a informação e têm, cada vez mais, precisando combater a desinformação e lidar com o excesso de informações que são disseminadas a todo momento. Neste sentido, a pesquisa discute como as rotinas jornalísticas foram afetadas pela pandemia e como jornalistas do município de Gurupi lidam com a desinformação. Ademais, o estudo visa contribuir com os processos de reconhecimento dos profissionais de ciências sociais aplicadas e apresentar discussões que abrangem a região da Amazônia Legal/ Norte brasileiro, especialmente a região sul do Tocantins.

Palavras-chave: (Des)Informação. Jornalistas. Pandemia. Tocantins.

(MIS)INFORMATION AND JOURNALIST WORK: CHALLENGES FOR JOURNALISTS IN THE POST PANDEMIC PERIOD IN THE SOUTH REGION OF TOCANTINS

ABSTRACT

The aim of this research was to discuss the changes that the Covid-19 pandemic has brought to the routines of professionals who are on the front line of information - journalists. Although it is a relatively new subject, it is worth noting that journalists have always worked with information and have increasingly had to combat misinformation and deal with the excess of information that is disseminated all the time. In this sense, the research discusses how journalistic routines have been affected by the pandemic and how journalists in the municipality of Gurupi deal with disinformation. In addition, the study aims to contribute to the processes of recognizing professionals in the applied social sciences and to present discussions that cover the region of the Legal Amazon/North of Brazil, especially the southern region of Tocantins.

Keywords: Disinformation. Journalists. Pandemic. Tocantins.

¹ Acadêmica do curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG. E-mail: nathalia.c.soares@unirg.edu.br

² Mestre em Comunicação e Sociedade, Jornalista, professora do curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Gurupi – UnirG. E-mail: anette.m.r.s.b.oliveira@unirg.edu.br

³ Doutora em Sociologia, Mestra em Ciências do Ambiente, Jornalista, pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: carolcdosanjos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O artigo discute os desafios que os(as) jornalistas enfrentam atualmente em meio ao grande fluxo de informações. Pois, um volume considerável de dados e informações está disponível e à palma da mão e os(as) profissionais de imprensa recebem sobre si as pressões dos acontecimentos que ‘demandam’ de publicação rápida e nessa pressa pela disseminação, a apuração acaba sendo prejudicada ou insuficiente. É como se a ‘nova regra’ fosse publicar mais rápido e ir apurando com a notícia já em circulação.

O período de pandemia do Covid-19 enfatizou ainda mais o aceleração e imediatismo, a necessidade de obter informações de maneira instantânea para tentar lidar com uma doença desconhecida e cujas ausências de informações causavam pânico. Pessoas tenderam a buscar por quaisquer informações, novidades sobre uma possível vacina, remédios ou formas de prevenção. Diante disso, inúmeras notícias falsas foram repassadas nas mídias digitais.

Nesse cenário, o termo ‘infodemia’ se popularizou, isto porque, embora fosse um termo já utilizado na academia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) o apresentou de forma massiva no contexto pandêmico. O termo dá significado a grande quantidade de informações que eram disseminadas sobre a Covid-19, como uma avalanche de notícias que se espalharam. A OMS apresentou o conceito da seguinte maneira:

[...] um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus. (OPAS; OMS, 2020, texto digital).

Neste contexto, o árduo trabalho jornalístico fora ampliado, uma vez que além da apuração e averiguação das informações foi preciso lidar com o aumento exponencial do fluxo de desinformações que foram disseminadas na internet.

O jornalismo é uma profissão cuja ideia fundante é baseada na credibilidade e no compromisso com as informações, ganhando assim legitimidade social. Todavia, vale ressaltar que o jornalismo também é uma profissão em constante crise de legitimidade, identidade, credibilidade e confiança, como aponta Fidalgo (2005).

Diante dessas crises, e com base em Fidalgo (2005), nos perguntamos: Quais as mudanças desses critérios (legitimidade, credibilidade etc.)? Há algum modo de “competir” com a sensação de urgência de informações que as plataformas digitais condicionam?

Frente a todos os desenvolvimentos tecnológicos e crescimento dos meios de comunicação (eletrônico e digital) a premissa de divulgar antes e apurar depois se tornou comum. A liberdade da ausência de fios e aparelhos maiores “facilita” para ambos os lados a maneira de se produzir e disseminar informações, a qualquer hora e de qualquer lugar, é possível enviar um fato que está acontecendo naquele determinado momento (Fidalgo, 2005). Mas, é claro que informações divulgadas sem apuração não são notícias.

O desafio no exercício da profissão é encontrar evidências em um cenário complexo. Evidências essas que, muitas vezes, estão em camadas de incertezas e informações confusas. Nesse contexto, há uma construção de novos processos de apuração e o alicerce deve ser pautado na premissa de produção de jornalistas em buscar as fontes e propor uma mediação pautados em fatos (Pereira Júnior, 2006).

Dito isso, buscamos refletir sobre as mudanças na profissão dos jornalistas, as quais ficaram mais evidentes com o progresso tecnológico e as formas de se produzir. Novas rotinas, novas formas de apuração e produção notícias e o fenômeno do ano de 2020: uma crise sanitária mundial. Assim, traçamos a seguinte pergunta de pesquisa: “De que maneira os processos de noticiabilidade e fluxos de (des)informações afetou os processos de produção de jornalistas em Gurupi (To)?”. E como objetivo geral a buscar compreender como se dão os processos de trabalho de jornalistas em meio a um contexto de infodemia, entre os anos de 2020-2023, nos sites ‘É notícia TO’ e ‘TO Notícia’.

O artigo está dividido em quatro partes, a saber: essa introdução, o percurso metodológico; um subtítulo com teoria, discussão e resultados e; considerações finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de natureza básica e pode ser classificada como uma pesquisa exploratória, pois tem o intuito de adquirir novos conhecimentos direcionados a problemática da pesquisa e buscar a solução dos problemas práticos. Ademais, objetiva-se familiarizar o tema abordado, trazendo à margem das discussões e propondo hipóteses.

Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois nesse momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar. (GIL, 2022, p. 41).

Na pesquisa, para alcançar os objetivos foi realizado um estudo de caso, para tanto lançamos mão de entrevistas semiestruturadas. Uma vez escolhidos os interlocutores do estudo, os jornalistas Clifton Moraes (site ‘TO notícia’) e Jairo Santos (site É Notícia Tocantins) foi elaborado um roteiro que buscou traçar um perfil dos jornalistas e dos seus ambientes de trabalho.

O próximo passo foi agendar e realizar as entrevistas. O formato escolhido foi entrevistas por pauta, orientadas por pontos de interesse da pesquisa. Para Antonio Carlos Gil (2022), as entrevistas

(...) Caso haja dados registrados sob outras formas, como vídeos e fotografias, o material correspondente também deverá ser exaustivamente analisado. Esse procedimento é importante para tornar o pesquisador familiarizado com as informações obtidas. (GIL, 2022, p.132).

Vale ressaltar que, embora houvesse um esforço da pesquisadora e dos entrevistados, devido à ausência de compatibilidade de agendas foi preciso realizar as entrevistas de forma online (plataforma Google meet), mas pela convivência com ambos os interlocutores no município de Gurupi, encontros em outros espaços e momentos, acesso aos perfis profissionais dos jornalistas em plataformas digitais e acompanhamento dos sites a familiarização com as informações obtidas na entrevista foi possível acontecer.

No dia 03 de outubro, foi realizada a primeira entrevista, com o jornalista Jairo Santos, redator e proprietário do jornal online ‘É notícia’ que também foi repórter da TV Anhanguera (filial da Rede Globo de Televisão), onde atuou por dez anos. Durante a entrevista, foram abordados os percalços da rotina jornalística - antes e depois da Covid-19, e como a pandemia enfatizou a precarização do trabalho, desde o acúmulo de funções, até as repressões que sofreu com o fluxo de informações e as desinformações que as acompanhavam.

No dia 06 de outubro, entrevistamos Clifton Moraes, redator e proprietário do jornal online ‘TO notícia’, que também atuou em diversas áreas do jornalismo (assessorias, produção e repórter para rádio, TV e meios digitais). Na entrevista foram abordados temas como as mudanças nas formas que as informações chegam, distanciamento com o público, que a pandemia causou. Clifton afirmou sentir falta da ‘essência’ do jornalismo de rua, do contato pessoal com as fontes e até da humanização.

Como mencionado, o formato da entrevista foi com roteiro semiestruturado e escolhemos fazer uma entrevista por pautas. Assim, no primeiro bloco as perguntas buscavam

traçar o perfil pessoal dos jornalistas, já no segundo, foi feita uma pesquisa do perfil profissional.

Uma vez apresentada a metodologia, seguimos com o estudo de caso.

3 DURAS PENAS DA ROTINA JORNALÍSTICA: FOCO NO SUL DO TOCANTINS

Este subtítulo apresenta autores como Fidalgo (2005), que descreve como a precarização do trabalho do jornalista já acontece há alguns anos, e Figaro (2021a, 2021b), que traz esse viés mais voltado para contexto brasileiro e de crise sanitária. Ademais, são apresentados outros autores que dissertam sobre o processo de precarização e desafios da rotina nas redações jornalísticas contemporâneas.

Os processos de precarização das condições de trabalho dos(as) jornalistas é marcado pela na baixa remuneração econômica, e cada vez mais volumes grandes de demissões, diminuição das redações e contrato de jovens menos qualificados e/ou estagiários para lugares antes ocupados por profissionais de renome e experiência (Fidalgo, 2005).

O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é também outro fator que compõem o processo da precarização nas rotinas de trabalho dos jornalistas. Associando ao fator de ‘facilitação de produção de conteúdo comunicacional’ tem-se o trabalho a distância, popularizado como *home office*. Não apenas jornalistas, mas vários(as/es) profissionais não possuem condições materiais para realizar seus trabalhos ou empresas que não viabilizam essa adaptação para que o trabalho seja executado - tanto materialmente, como na falta de manejo com o(a/e) trabalhador(a/e). Além disso, tem-se as questões práticas, como apontam Roseli Figaro e colaboradoras(es).

[...] que por se tratar de uma mudança inédita em seus segmentos de trabalho na comunicação, requer o repensar ou a criação de prescrições para o trabalho (FIGARO, 2008a) e até mesmo de novas relações de trabalho. Dessa forma, ao apontar a falta de regras, de orientações, de manuais para a realização do trabalho remoto, os comunicadores identificam assim um déficit de prescrições (TELLES; ALVAREZ, 2004) para o trabalho que deixa a cargo dos próprios trabalhadores a invenção de objetivos e meios para o trabalho. (Figaro *et al.*, 2021b, p.77).

As mudanças estruturais da sociedade associadas ao aumento da produtividade, rentabilidade e na economia, também foram fatores que influenciaram nos meios de produção e conseqüentemente os processos de produção de conteúdos informacionais, além dos próprios ‘detentores das notícias’, que antes eram jornalistas (Braga; Aguiar; Bergamaschi, 2014).

Enquanto Fidalgo (2005) aponta a internet como um dos elementos sociotécnicos que marcou o trabalho de jornalistas de forma irreversível, desde construção das pautas, passando pela construção da notícia com checagem e veiculação, Figaro *et al.* (2021a, 2021b) discute questões do aprofundamento da precarização, como ausência de prescrições para o trabalho remoto.

A pauta da precarização no e do trabalho de jornalistas vem de longa data. Um marco anterior que não pode deixar de ser mais uma vez mencionado é a queda do diploma, em 17 de junho de 2009, onde se torna inconstitucional a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Diversos são os ângulos para se olhar para ‘queda do diploma’, um pouco lembrando é que:

Já a proposta de criação do Conselho Federal de Jornalismo, órgão fiscalizador proposto pela Federação Nacional dos Jornalistas ao Ministério do Trabalho para substituir a atuação das delegacias regionais na concessão de registro profissional, foi rejeitada, em votação simbólica, por acordo de líderes, na Câmara dos Deputados em dezembro de 2004. A proposta de auto-regulamentação profissional apresentada pelo Poder Executivo em nome da Fenaj não chegou sequer a ser debatida em plenário (Brittos; Nazário, 2006 *apud* Braga; Aguiar; Bergamaschi, 2014, p. 114).

No contexto organizacional, esses debates passam pelos interesses econômicos e políticos das empresas que produzem informação e pelos valores éticos e deontológicos que regem a profissão do jornalista.

Durante o período da pandemia de Covid-19 a comunicação foi posta novamente como um trabalho essencial. Principalmente as fontes oficiais que eram vistas como influenciadoras das não oficiais, sobretudo diante das incertezas de uma pandemia que assolou a saúde de toda a população.

Os termos mais citados, além de sim e de não, são as palavras: ‘essencial’, ‘trabalho’, ‘comunicação’, ‘informação’, ‘pandemia’ e ‘informações’. Ou seja, temos aí a composição de uma sentença: informação/informações/comunicação é trabalho essencial na pandemia. Na continuidade da quantificação das palavras, assim como ‘informação/informações’, temos ‘jornalismo’, ‘jornalista’, ‘imprensa’, ‘notícia’, ‘fake news’, ‘desinformação’, ‘conteúdo’, todos eles termos vinculados à produção de informação”. (Figaro *et al.*, 2021b, p.77-78).

O combate à desinformação e notícias falsas por meio do jornalismo e da comunicação foi visto como um trabalho essencial, em especial, no contexto de pandemia. E os interlocutores dessa pesquisa trouxeram essa perspectiva a partir do território sul-tocantinense, mas antes de adentrar ao tema apresentamos, em algumas linhas esses jornalistas.

O jornalista Jairo do Carmo Santos se formou em jornalismo pela Universidade de

Gurupi - UnirG, e antes mesmo de se formar, em um projeto experimental, criou o site de notícias “Já é notícias” juntamente com dois colegas da faculdade. Logo depois, o projeto acabou seguindo somente com Jairo e passou a se chamar “É notícia TO”.

Com quase dez anos de formação, Jairo já perpassou por diversas áreas do jornalismo, tais como: radiojornalismo em rádios locais, alguns artigos para jornais online de Gurupi, além do site “É notícia TO”, e no telejornalismo, onde passou grande parte da sua carreira na TV Anhanguera, atuando como repórter, redator e editor. No momento, Jairo estreia o programa “Povo na TV”⁴.

O jornalista Clifton Moraes também se graduou na Universidade de Gurupi - UnirG, em 2012, e seguiu com os estudos. Clifton é mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins. Além do mestrado, sua carreira acadêmica tem a atuação como docente no curso de Jornalismo da UnirG. Suas experiências como jornalista são como repórter na TV Anhanguera, produtor do SBT, diversas assessorias de imprensa e é proprietário e redator do site “TO Notícia”.

Uma vez apresentado nossos interlocutores de pesquisa iniciamos a discussão sobre a rotina de trabalho deles. A precarização no jornalismo possui variadas vertentes, principalmente se analisadas no período pandêmico, Clifton descreve a distanciação com as fontes uma das formas de fragilização da profissão. A perda da essência do ‘jornalismo de rua’ e da humanização do trabalho. Há também o acúmulo de funções ocasionado pelos cortes nas redações, sinalizadas pelo Jairo Santos que também percebe outras mudanças e diz que:

[...] as empresas de comunicação tiveram que fazer cortes. A TV Anhanguera e a Organização Jaime Câmara não foi diferente, e automaticamente tive que acumular funções. Antes eu era o repórter que recebia a pauta pronta, gravava e ia embora. Na pandemia, eu fazia a pauta, redigia, corrigia e gravava, editava a matéria. Desde acompanhar até fazer. (Santos, 2023, em entrevista)

O que os jornalistas entrevistados apontam vai de encontro com as pesquisas de Fidalgo (2005) e Roseli Figaro e colaboradores(as) dizem sobre os processos de precarização na e da profissão do jornalista. Redações menos numerosas, foi uma das alternativas para conter gastos ao longo do século XX, mas na pandemia o processo se agravou.

Não só isso, mas estruturalmente as maneiras de se informar modificaram, Fidalgo (2005) também cita a internet como um dos fatores que fomentaram a precarização e desvalorização da profissão e dos profissionais. No sentido de ser um fator que acelerou o

⁴ A TV Norte SBT possui onze anos de existência no mercado, e está presente nos municípios de Araguaína e Gurupi.

processo de retirada dos jornalistas da centralidade na difusão das informações. Atualmente o próprio público já busca as informações com certa autonomia, e isso exige muitas vezes do jornalista uma busca, escrita e divulgação da notícia mais rápida.

Braga, Aguiar e Bergamaschi (2014) apontam ainda que:

Antes da internet, os critérios de noticiabilidade relativos ao público eram bastante frágeis e refletiam muito mais uma suposta representação que jornalistas faziam dele do que sólidas pesquisas de opinião em relação a consumidores/as dos produtos jornalísticos. (p.119).

A internet foi um dos fatores que fortificou as vertentes que seriam pautadas nos meios de comunicação, já Fígaro (2008 *apud* Figaro *et al.*, 2021b) afirma que essas mudanças inéditas na profissão e na rotina jornalística requerem uma reflexão relacionada às prescrições e novas maneiras de trabalho.

O distanciamento fez se perder a humanização e proximidade com a fonte e o público. Clifton Morais afirma o apreço que tem pelo contato presencial com a fonte. “Eu gosto muito do contato direto, prezo pelo contato com a fonte, isso de você sentir dá toda a diferença na produção do texto. (Morais, 2023, em entrevista).

Já Jairo diz que, devido a pandemia, as entrevistas precisavam ser remotas, assim sem o contato direto, perdeu-se a essência do que é chamado pela TV Globo de ‘jornalismo de calçada’ ou ‘in loco’.

3.1 ‘CHEGADA’ DAS INFORMAÇÕES ÀS REDAÇÕES

Os jornalistas foram indagados sobre os processos de chegada das informações às redações. O jornalista Jairo Santos, conta que no período que trabalhou na TV Anhanguera (2014 até ano 2022), antes da pandemia as tarefas eram bem divididas, cada profissional desempenhava funções específicas na equipe. Mas com a pandemia, o quadro de jornalistas foi diminuído e houve acúmulo de funções nas redações, com isso, a busca pelas informações também sofreu mudanças. Comumente os jornalistas buscavam pelas informações e pautas, mas com as mídias digitais e o distanciamento social, os consumidores de informações vieram até os jornalistas em busca de solucionar os imbróglis que a pandemia ocasionou. As fontes oficiais, como definidores primários (Pena, 2012), também foram imprescindíveis para não causar alardes.

Sempre buscávamos o bom relacionamento com comitês e a secretária de saúde, porque dependíamos de informações para repassar. Sempre mostrando o ‘caos’ e buscando as informações oficiais, a fim de não criar tanto alarde. (Santos, 2023, em entrevista)

O processo de escolha das fontes durante o período de pandemia também estabelece grande relevância para pensar quem tem voz e quem não. O que chega até a sociedade e até a forma como essa informação pode ser interpretada pelo público que a recebe (Fernández-Sande, 2020).

Antecedente ao período da pandemia do Covid-19 eram realizadas as rondas, que consistiam em ligar para as fontes oficiais todos os dias, cavar pautas e/ou para averiguar as informações. Clifton afirma que eram rotineiras, mas a pandemia também modificou isso. As informações fizeram o caminho contrário, embora já acontecesse houve um acirramento da busca do público pelos canais de comunicação, procuravam os sites e as emissoras para terem voz. “Antes, nós jornalistas, íamos atrás das informações, e durante a pandemia, elas vinham até nós. E isso nos deixou na zona de conforto.” (Morais, 2023, em entrevista). Essa mudança também modificou e reestruturou os critérios de noticiabilidade usados comumente.

3.2 NOTICIABILIDADE JUNTO COM O COMBATE A DESINFORMAÇÃO

Segundo Figaro (2021b), o combate a disseminação de desinformação deixou de ser somente tido como ‘correto’ e sim, como essencial para o contexto de pandemia. Algumas empresas de comunicação adotaram protocolos específicos para o combate à desinformação e os danos que elas causam. Sobre isso Jairo diz que:

Sempre quando há denúncias eu peço documentos, comprovações. Mesmo que lá na frente não seja isso. Nesse momento, com as evidências que temos, tem uma matéria. [...] tendo o compromisso com a verdade e com a checagem dos fatos. (Santos, 2022, em entrevista).

De acordo com Clifton, chegavam muitas informações nesse período e o crivo jornalístico foi crucial para a separação ‘do joio e do trigo’. A observação e a atenção ao que outros jornalistas dão notoriedade, e quais os critérios de noticiabilidade estavam sendo utilizados naquele contexto da publicação também foram medidas a serem tomadas nessa avaliação. Conforme discute Braga, Aguiar e Bergamaschi (2014) (2014, p. 117): “Os critérios substantivos da noticiabilidade de um acontecimento estão, nessa visão teórica, relacionados à suposta ‘importância’ e ‘interesse’.”. Os autores ainda acrescentam que a internet modificou os

critérios que antes eram frágeis e relativos ao público, refletindo mais a opinião que os jornalistas faziam deles, do que de uma pesquisa de opinião em relação aos consumidores dos produtos jornalísticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empírica apresentou variadas vertentes dentro da rotina jornalística, a partir dos campos de atuação dos jornalistas entrevistados. O distanciamento social em consonância com as mídias sociais digitais trouxe perdas consideráveis no processo de produção das notícias, na ‘humanização’ das matérias, a falta do contato pessoal com as fontes, todos esses foram fatores relatados pelos jornalistas. Esse afastamento fez com que alguns elementos da identidade de jornalistas se perdessem.

Outro ponto encontrado, foram os processos de apuração e checagem; as dificuldades em fazer jornalismo de qualidade, o relacionamento com as fontes e o processo de escolha sobre o que publicar em contexto da pandemia.

Diante desse cenário, também foi um período de união da classe jornalística, Jairo cita o apoio que recebiam nas redações, onde os colegas de trabalho ajudavam e cooperavam entre si.

Por fim, tem-se que os processos e fazeres jornalísticos em regiões que não são centrais se dão de formas distintas, antes, durante e após a pandemia o que se faz uma agenda para as próximas pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

BRAGA, A; AGUIAR, L; BERGAMASCHI, M. O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.37, n.1, p. 111-132, jan./jun. 2014

FERNÁNDEZ-SANDE, M.; CHAGAS, L., KISCHINHEVSKY, M. Dependencia y pasividad en la selección de fuentes informativas en el periodismo radiofónico en España. **Revista Espanola de Documentacion Científica**, v. 43, n. 3, 2020.

FIDALGO, J. Novos desafios a um velho ofício...ou um novo ofício? — A redefinição da profissão de jornalista. *In*: PINTO, M. MARINHO, S. (org.). **Os Media em Portugal nos Primeiros Cinco Anos do Século XXI**. Braga (Portugal): Universidade do Minho/ Campo das Letras, 2005. p.10–16

FIGARO, R. et al. **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.** [recurso eletrônico] São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021a.

FIGARO, R. et al. **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: ...1 ano e 500 mil mortes.** [recurso eletrônico] São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021b.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.

MORAIS, Clifton. Entrevista 1 [out. 2023]. Entrevistadora Nathália Costa soares, Gurupi, 2023. 1 arq.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19.** Repositório Institucional para Troca de Informações (Iris). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: 03 dez. 2023.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo.** 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. Os métodos de apuração. *In*: PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A apuração da notícia:** métodos de investigação. Petropolis: Vozes, 2006.

SANTOS, Jairo. Entrevista 1 [out. 2023]. Entrevistadora Nathália Costa Soares, Gurupi, 2023. 1 arq.

DEDICATÓRIA

Dedico este texto a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. Em especial em memória de Leilane Macedo, minha primeira supervisora de estágio. Leilane tinha paixão pelo trabalho, sua dedicação era ímpar, o fazer jornalismo dela era de uma gigante admiração. E assim como disse o entrevistado Jairo Santos, “a Leilane está viva em cada pessoa que conviveu com ela”. Com isso quero levá-la em cada canto que atuar na profissão.

Dedico também a todos os meus familiares e amigos que estiveram presentes nesse processo, e em especial minha mãe, que sempre foi exemplo de determinação e dedicação, sendo minha maior inspiração na vida pessoal e profissional.